

INTERFERÊNCIAS FONÉTICO-FONOLÓGICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NA AQUISIÇÃO DO INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Maykson Andrade Costa ¹
Zaira Dantas de Miranda Cavalcanti ²

RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar os aspectos mais problemáticos na aquisição do inglês como Língua Estrangeira (LE) por falantes do Português Brasileiro. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica a partir de aportes teóricos sobre métodos de ensino de língua inglesa, tais como Oliveira (2015), Scrivener (2011), Harmer (2008) e Leffa (1998), acerca das interferências da língua materna (LM) de Swan & Smith (2001), bem como sobre as dimensões comunicativas do ensino de línguas de Almeida Filho (2015), entre outros, com o intuito de realizar uma análise comparada da Língua portuguesa e da Língua inglesa, identificando as possíveis interferências causadas pelo português como LM na aquisição do inglês como LE. Constata-se, então, que existem diferenças frontais entre esses sistemas fonético-fonológicos e que a base fonético-fonológica da primeira interfere diretamente na aquisição e execução da segunda, o que desvela uma maior necessidade de intervenção do professor no processo de mediação para evidenciá-las e corrigi-las junto ao aprendiz, e, a partir disso, proporcionar métodos e abordagens para que o falante de português possa, efetivamente, solidificar sua aprendizagem do inglês enquanto língua estrangeira.

Palavras-Chave: Português, Inglês, Fonologia, Ensino, Língua Estrangeira.

INTRODUÇÃO

Os seres humanos constroem seu mundo material e imaterial a partir da linguagem. É por meio dela que os indivíduos constroem pontes entre a sua subjetividade e o alcance do outro. Desse modo, estabelecer uma língua comum entre falantes de diferentes línguas maternas permite estabelecer um grau de ordem em meio a uma Torre de Babel de significados e significantes com diferentes lastros históricos e culturais.

Nesses termos, o ensino de línguas estrangeiras permite o acesso à uma ilimitada quantidade de informações que permeiam as sociedades contemporâneas, além de promover a participação social em diversas esferas e uma inserção mais ampla no mercado de trabalho.

Observa-se que o processo de aprendizado de uma língua estrangeira (LE) sempre se relaciona, direta ou indiretamente, com as estruturas linguísticas e cognitivas já assimiladas pelo aluno desde seu nascimento. Assim, o estudo de uma LE acaba por se correlatar com

¹ Graduado pelo Curso de Letras da Universidade de Pernambuco - UPE, maykson_andrade@hotmail.com;

² Professor Orientador: Mestre, Universidade de Pernambuco - UPE- Petrolina, zairacavalcanti@hotmail.com

aspectos fonológicos da língua materna (LM), bem como guarda implicações sintático-morfológicas desta.

Entretanto, ao tratar-se a LE a partir dos mesmos padrões da LM, pode ocorrer uma interferência na aquisição eficaz da nova língua que causa perturbações e vícios fonético-fonológicos que podem ser observados na performance oral de brasileiros falantes do inglês.

Tal panorama aponta para a necessidade de não restringir o processo de ensino-aprendizagem a partir da mera observação de estruturas gramaticais e da memorização de vocabulário na língua alvo, devendo, por conseguinte, ampliar as habilidades comunicativas para que haja a compreensão e produção efetiva em um outro idioma.

A necessidade deste estudo surgiu da experiência pessoal como estudante e da experiência profissional como professor de língua inglesa. Durante anos, foi possível observar as diferenças entre a performance oral de aprendizes brasileiros e a que seria esperada como ideal. Muitas vezes, essas diferenças encontravam-se no campo fonético, causando estranhamento do sotaque, enquanto em outras evidenciavam-se como erros fonológicos que provocam mal-entendidos na comunicação.

É diante desse contexto que se torna evidente a importância de se observar como a LM pode implicar na forma que o falante adquire as estruturas de um novo idioma. No presente artigo, o foco de análise recairá sobre as interferências no campo fonético-fonológico do português brasileiro (PB), enquanto língua materna, na aquisição do inglês como LE.

Buscou-se, então, consultar reconhecidos teóricos que analisam especificamente o caso do ensino de inglês como língua estrangeira para falantes do português brasileiro, tais como Swan & Smith (2001), Leffa (1988), Costa & Silva Júnior (2015), Harmer (2008), Scrivener (2011), dentre outros.

A metodologia utilizada foi, porquanto, a revisão bibliográfica a partir de aportes teóricos embasados no método dedutivo. Desse modo, este trabalho apresenta uma fundamentação teórica a partir do tema e da discussão linguístico-pedagógica de uma linha de abordagem comunicativa e do método de ensino de línguas.

Nessa perspectiva, este estudo teve como objetivo geral, analisar as diferenças entre as línguas em foco no sentido de evidenciar os aspectos fonético-fonológicas mais problemáticos para o processo linguístico-pedagógico de aquisição do inglês como LE.

Os objetivos específicos, por seu turno, pretendem compreender os aspectos correlatos à aquisição do inglês como LE; delinear as dificuldades mais comuns experimentadas pelos falantes de português como LM; expor a importância da consciência fonético-fonológica para

a aquisição do idioma bem como a necessidade de oferta de diversidade de métodos pedagógicos para o professor como forma de proporcionar a abordagem mais adequada para cada caso; contribuir para as reflexões acerca do ensino de línguas estrangeiras, bem como colaborar com estudos concernentes à linguística aplicada à comunicação.

METODOLOGIA

Este trabalho é um estudo de natureza bibliográfica a partir de trabalhos publicados no período de 1988 a 2017, trazendo obras de autores como Leffa (1988), Harmer (2008), Scrivener (2011), Oliveira (2015), que apresentam um vasto aporte teórico sobre metodologias de ensino de inglês como língua estrangeira, Almeida Filho (2015) que aborda as dimensões comunicativas do ensino de línguas, assim como Swam & Smith (2001) e Zimmer (2012), que enfatizam a importância dos estudos de aspectos fonéticos e fonológicos na aquisição do inglês por falantes de outras línguas.

Foi realizada também uma busca de artigos científicos, divulgados na base de dados da CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e da SciELO (Scientific Electronic Library Online), bem como em revistas periódicas, anais de congressos de letras e de educação a nível nacional, a exemplo do CONEDU (Congresso Nacional de Educação). Conforme os descritores “Transferência Fonético-Fonológica” e “Interferência da Língua Materna” foram, encontrados poucos artigos do período compreendido entre 2001 a 2019. Os mesmos apontaram para a importância do tema e para a necessidade de uma maior atenção a essa temática tão pouco explorada a nível nacional.

DESENVOLVIMENTO

É a partir do fenômeno da linguagem que o homem se vincula aos outros seres humanos e tudo aquilo que se pode produzir a partir da interação. Desse modo, a linguagem se relaciona com o processo comunicacional, conforme explica Franchi (2002). Assim sendo, a linguagem deve ser entendida como uma atividade constitutiva do próprio ser humano, ou seja, como uma ação por meio da qual o indivíduo se forma, bem como se forma a sociedade, e é, portanto, categoria de análise central para o processo de aquisição de uma língua. Dessarte, uma língua, que passa a ser apreendida pelo indivíduo, se desenvolve a partir de suas bases comunicacionais primárias e se estende de maneira vertical, em seus múltiplos aspectos gramaticais e, primordialmente, pelo aspecto de seus sons e sentidos para outro idioma.

É nesse ponto que Franchi (2002) afirma que no começo dos processos de aquisição de uma língua será encontrada uma sonoridade espontânea para a comunicação, de forma natural, a partir da qual se transmitirá os conhecimentos e fluência sobre a LM para a LE. Nesse sentido, a aquisição da LE se relaciona com a semântica da LM, bem como os aspectos fonético-fonológicos já fixados pelo falante.

Neste contexto, Lima (2017) frisa a importância do desenvolvimento de uma consciência fonológica pelo falante. De acordo com a autora, a consciência fonológica envolve reconhecimento, reflexão e distinção entre os sons da língua alvo e de sua língua materna. É, portanto, em razão dessa consciência que a pessoa se percebe enquanto falante de determinada língua e nota as nuances fonético-fonológicas em seus discursos que a permite manipular melhor o sistema linguístico da língua LE.

Assim, a dicotomia do som-sentido só é superada quando o indivíduo consegue estabelecer sua consciência fonológica. É, então, a partir de tal consciência que o indivíduo pode executar e compreender uma língua estrangeira de modo eficaz.

No entanto, segundo Alves & Silva (2015), os aprendizes não percebem, em seus primeiros contatos, a distinção entre os sons da língua estrangeira e de sua língua materna. Assim, se delineia um processo que necessita maior atenção do professor para notar os percalços fonológicos da língua materna que interferem no processo de ensino-aprendizagem ou de aquisição da LE, no sentido de possibilitar a sua correção.

Apesar de serem termos facilmente tratados como sinônimos, Leffa (1988) diferencia o processo de aprendizagem do processo de aquisição. Segundo esse autor, a aprendizagem acontece de maneira formal e consciente e envolve a explicitação das regras da língua-alvo. Nesse contexto, o enunciado tem origem na LM e é transferido conscientemente para a LE. Por outro lado, a aquisição seria o desenvolvimento informal e espontâneo da LE, obtido normalmente através de situações reais, e cujo enunciado surge diretamente na LE sem esforço consciente. Usar-se-á neste artigo o termo “aprendizagem” para referir-se, de uma forma mais abrangente, tanto à aquisição quanto à aprendizagem propriamente dita.

Leffa (1988), distingue também, terminologicamente, segunda língua (L2) de língua estrangeira (LE): a segunda língua seria aquela que o aluno pode utilizar fora da sala de aula na comunidade em que vive, a língua estrangeira, por sua vez, seria aquela na qual a língua aprendida na sala de aula não é a mesma de sua comunidade.

Almeida (2002) destaca que a própria comunidade na qual o aluno se encontra inserido apresenta uma oralidade estruturada em pontos divergentes ou não usuais para a língua que se pretende adquirir. Cabe, portanto, ao professor a tarefa de auxiliar em um processo de

evidenciação de tais incompatibilidades fonético-fonológicas capazes de prejudicar a inserção do falante que, no presente estudo, será compreendido, de forma abrangente, como o brasileiro que pretende adquirir a língua inglesa enquanto língua estrangeira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Alves & Silva Júnior (2015) o tratamento da língua alvo a partir dos mesmos padrões da língua materna (LM→LE) recebe o nome de transferência fonológica. Nessa mesma esteira, os autores tratam que “o processo de transferência se dá devido ao aprendiz utilizar os recursos que dispõe da sua LM para a LE. Ou seja, “ao tentar produzir um som que não lhe é familiar, o aprendiz utiliza como suporte sua língua materna” (ALVES & SILVA JÚNIOR, 2015, p.9).

É diante desse contexto que Alves e Silva Júnior (2015, p.14) defendem que a aquisição da língua estrangeira (LE) enfrenta problemas “devido à dificuldade do estabelecimento de novas categorias sonoras”. Todavia, no caso das estruturas fonético-fonológicas brasileiras e inglesas tais aspectos possuem implicações bem maiores.

Isto posto, Swan & Smith (2001) apontam que o panorama inicial do da transferência fonético-fonológica decorre das bases latino-romanescas da própria língua portuguesa quando comparada com o inglês, bem como tem-se, em menor escala, a variabilidade fonológica entre as regiões nacionais, o que implica, em alguns casos, na existência de mudanças sonoras dentro do próprio português a depender da localidade.

Outrossim, Swan & Smith (2001) observam que a estrutura de sons na base fonético-fonológica das duas línguas em questão apresenta divergências centrais. Por exemplo, enquanto na língua inglesa existem onze vogais puras, o português brasileiro possui nove, mas todas elas podem ser nasaladas.

Esses autores apontam que os falantes de língua portuguesa parecem não perceber a existência de sons equivalentes na língua inglesa, que deveriam ser percebidos e articulados sem muitas dificuldades. Nessa perspectiva, apenas poucos fonemas, inexistentes ou diferentes dos presentes no português brasileiro como, por exemplo, /ə/ e /e/, deveriam causar estranhamento aos estudantes que não possuem contato auditivo-fonológico direto com a língua-alvo.

Por esse motivo, é comum a substituição consciente ou inconscientemente o fonema problemático por outro fonema semelhante presente na língua portuguesa, como afirmam Alves & Silva Júnior (2015). Essa substituição pode causar diversos problemas no momento da

comunicação. Por exemplo, quando solicitados a desenvolver a pronúncia inglesa, os falantes do PB, com frequência, realizam erros padronizados repetidamente sem se dar conta. A exemplo disso está a palavra *clothes* (/kloʊðz/) que costuma ser a pronunciada como “closis”; (/kloʊzɪs/), ou “fenquiú” (/ˈfæŋk ˌjuː/) e ainda “tenquiú” (/ˈtæŋk ˌjuː/) como pronúncias destinadas à *thank you* (/ˈθæŋk ˌjuː/).

Esse problema pode também ser observado, no campo dos ditongos, uma vez que, de acordo com Swan & Smith (2001), há menos ditongos em português do que há em língua inglesa. Um dos problemas evidenciados pelos autores seria, por exemplo a substituição inconsciente dos fonemas /iə / e /eə/, como nas palavras *hear* (/hiə/) e *hair* (/heə/).

Outra dificuldade pode ser observada nos agrupamentos consonantais que causam para os nativos de língua portuguesa a inserção indevida de vogais inexistentes na palavra original, chamadas de vogais epentéticas. A inclusão dessas vogais intrusivas é comum em palavras iniciadas em encontros consonantais ou quando esses são mais longos do que os presentes em língua portuguesa (compostos pelo agrupamento de mais de duas consoantes). De acordo com Swan & Smith (2001), pode-se afirmar que falantes do português brasileiro tendem a achar particularmente difícil agrupamentos consonantais iniciados por ‘s’ (*stream, study, school*, etc. pronunciados como ‘istream’, ‘istudy’, ‘ischool’), bem como palavras terminadas em consoantes como, por exemplo, as palavras *park, red, think* realizadas como ‘parki’, ‘redi’ ‘finke’. Conforme defendem Alves & Silva Júnior (2015, p.6) observa-se que “sendo o português brasileiro uma língua com padrão silábico, ao tentar produzir sons de outra língua com ritmo acentual, é normal que o aprendiz insira uma vogal na busca do equilíbrio silábico”. Em algumas situações, ambos os casos podem ser observados como em *stop e smart* pronunciadas como ‘istopi’ e ‘ismarti’, o que aponta que mais de uma interferência fonético-fonológica pode ocorrer na realização oral em língua inglesa por brasileiros levando a possíveis falhas de compreensão durante o processo de comunicação efetiva.

Ainda no campo das consoantes, observa-se que brasileiros falantes do inglês tendem a não perceber e realizar a aspiração das oclusivas surdas do inglês /p/, /t/ e /k/ em posição inicial, causando a substituição dos alofones aspirados /p^h/, /t^h/ e /k^h/ pelas suas formas não-aspiradas /p/, /t/ e /k/), o que constitui um erro fonético. Além disso, há a possibilidade dessa substituição inconsciente criar um mal-entendido na comunicação que corresponderia à um erro fonológico. Por exemplo, a palavra *pig* /p^hɪg/ ao ser pronunciada como /pɪg/ pode ser confundida – principalmente por um falante nativo do inglês – com a palavra *big* /bɪg/. É possível, no entanto, que outro brasileiro não perceba essa diferença, uma vez que compartilhe um *background* linguístico e cultural semelhante ao do interlocutor do discurso.

Todavia, a literatura nos dá conta de que esse aspecto tem sido negligenciado dos documentos referenciais. Os PCNs que orientam o Ensino Médio supervalorizam o desenvolvimento da leitura como forma preparação para o ENEM. Não podemos negar a importância dessas habilidades no ensino de línguas quando o aluno já tenha certo domínio linguístico, porém, no processo de aquisição de uma língua, a leitura e a escrita são as últimas habilidades exploradas, conforme destacam Alves & Silva Júnior (2015). Desse modo, temos uma inversão na ordem das habilidades desenvolvidas naturalmente em uma língua. A escrita e a leitura são supervalorizadas enquanto a fala e a escuta são pouco exploradas no âmbito escolar. Seguindo tal panorama, Swan & Smith (2001), apontam a influência da soletração na pronúncia como aspecto problemático do binômio ensino-aprendizagem em que a leitura e a escrita antecedem a fala e a escuta, visto que a soletração e pronúncia estão muito intimamente relacionadas em português.

Outrossim, soma-se também os aspectos problemáticos relativos ao ritmo e ênfase decorrente da tonicidade das sílabas no português brasileiro, visto que, como destacam os mesmos autores, enquanto português europeu (PE) aproxima-se do inglês no tocante ao ritmo tônico, no português brasileiro, a silabação é mais evidenciada no ritmo da fala. Desta maneira, falantes de PE acham consideravelmente mais fácil perceber e reproduzir a tonicidade de ritmo da língua inglesa do que os falantes do PB. Contudo, ao se depararem com sílabas átonas, os falantes do PB tendam a pronunciá-las de forma tônica, enquanto os falantes do PE a executam de forma quase inaudível.

Ademais, pode-se identificar, de acordo com Swam e Smith (2001), que falantes do PB geralmente apresentam tonicidade inapropriada em palavras longas e compostas, em verbos auxiliares, conjunções, preposições e outros elementos não acentuados ao falar a língua inglesa, sugerindo ênfase não intencionada. Veja-se então que se trata do que Santos e Silva Júnior (2016) apresentam como padrões entoacionais na aquisição do inglês como língua estrangeira de modo que os autores afirmam que há existência de uma transferência fonológica desses padrões da língua materna para a LE. Nessa linha de entendimento, Swan & Smith (2001) destacam alguns outros pontos correlatos à formação entoacional comumente presente dos equívocos fonético-fonológicos realizados pelos falantes brasileiros quando voltados para a pronúncia em língua inglesa: pode citar que as sentenças declarativas recebem entonação baixa com a última palavra, muitas vezes, quase inaudível a exemplo de “I want some ‘cof’ (*coffee*)” ou super-acentuadas “I want some ‘cóf’.” Assim como, sentenças interrogativas tendem a ser pronunciadas com uma melodia ascendente (“*Can I have SOME COFFEE?*”),

independentemente do significado que a elas seja atribuído, casos que, por sua vez, confundem bastante aqueles que possuem o inglês como LM ao se depararem com essas situações.

Diante de tais problemas, é imprescindível que haja um professor competente para conduzir o processo ensino-aprendizagem de maneira eficaz, e que seja capaz de estabelecer uma dinâmica que permita analisar a oralidade de seus estudantes e os auxiliar a tornar tais equívocos conscientes e, a partir de tal estranhamento, os corrija.

No entanto, cabe esclarecer que o processo problemático de interferência fonético-fonológica da língua inglesa enquanto LE não comporta responsabilidade exclusiva do professor para saná-lo. Conforme defende Scrivener (2011), trata-se de uma rede complexa de pontos (professor, aluno, escola, método, material, etc.) que precisam ser evidenciados dentro da dinâmica de ensino-aprendizagem, de modo que o próprio estudante também precisa ser cobrado para se posicionar ativamente no sentido de corrigir suas inadequações.

Nessa esteira, Zimmer & Alves (2012) defendem que os aspectos fonéticos-fonológicos da língua estrangeira precisam ser trabalhados por meio de uma instrução explícita pelo professor de aspectos pouco perceptíveis para o aprendiz para que possa contribuir com a diminuição das transferências dos padrões da LM para a LE. O erro do aprendiz provém da experimentação, característica inata do ser humano e, de acordo com Scrivener (2011), essa tentativa e erro é uma evidência de que o progresso está sendo feito. Ao professor cabe, portanto, o papel de identificar as interferências e apontá-las, e, portanto, adotar uma postura compatível com uma correção que não iniba o aprendiz e o permita desenvolver sua consciência fonológica.

Harmer (2008) aponta a necessidade de combinar abordagens e métodos de ensino, além de ser requerida também a sensibilidade para entender, diante da prática de ensino, quais interferências podem prejudicar a aquisição da língua inglesa a partir das particularidades dos estudantes, bem como a partir da postura que o profissional toma perante a turma, da sintonia que estabelece a partir de suas várias formas de linguagem.

Ao professor cabe o importante papel de acompanhar os problemas práticos das estruturas fonético-fonológicas e pensar a efetividade do processo de transmissão/aquisição de uma língua estrangeira e de que maneira esse falante poderá agir no mundo de forma eficaz. No entanto, faz-se necessário que professor não apenas explique as diferenças entre as bases fonético-fonológicas das duas línguas, mas também que permita que, a partir da interação na sala de aula, o falante possa encontrar espaço para identificar as divergências entre os fonemas que identifica como próprios da LM ou da LE.

É mister considerar que os problemas fonológicos não são decorrentes dos vícios da própria língua portuguesa e suas variações decorrentes de sotaque de maneira intencional, mas sim da falta de percepção dessas dissimilaridades. Convém pensar na prática de como se dará a transmissão de tal conhecimento com o fim de superar as eventuais interferências da LM na LE.

Nessa perspectiva, Leffa (1988) considera que a metodologia empregada faz a diferença entre o sucesso e o fracasso da aprendizagem, de maneira que a análise do contexto da relação ensino-aprendizado faz-se imprescindível para determinar a complexidade de fatores que influenciam a aquisição daquele conhecimento. No entanto, as abordagens e métodos não podem ser tomadas como elementos monolíticos e dogmáticos. Há de se haver flexibilidade e até mesmo mescla de diferentes métodos para evitar a existência de um maniqueísmo pedagógico sem meio-termo que desconsidera tudo que existia em detrimento do novo. Atenta-se, portanto, para a necessidade de aplicação do método que professor em sala de aula julgue como o mais útil para seus alunos, de forma que pode este inclusive empregar um “ecletismo inteligente” de diferentes métodos, desde que imbuído do desejo de realizar o fim a que se destina (LEFFA, 1988).

Desta maneira, torna-se evidente que a superação das interferências fonético-fonológicas depende da capacidade do professor de atentar para os aspectos específicos da língua inglesa que decorrem da influência da LM, de modo que este precisa desenvolver arcabouço teórico e prático para realizar comparações entre dois sistemas fonológicos distintos com o intuito de auxiliar na sua correção.

É esta, inclusive, a orientação de Zimmer & Alves (2012), de modo a destacar a necessidade da qualificação profissional para tanto:

A partir deste entendimento, espera-se, também, estar deixando clara a necessidade de instrução formal de aspectos fonéticos/fonológicos da LE na sala de aula de língua estrangeira, o que ressalta também a necessidade de um maior entendimento e um trabalho de qualificação, por parte do professor de inglês como LE, no sentido de se mostrar conhecedor não somente dos sistemas e processos fonológicos da LE, mas também os processos de interlíngua característicos na aquisição fonológica do inglês por falantes do português brasileiro (ZIMMER & ALVES, 2012, p.135).

Entretanto, soma-se também as ressalvas fundadas nos problemas da própria estrutura educacional que precisa permitir que os docentes administrem as abordagens e metodologias disponíveis para que, assim, se possibilite uma aquisição efetiva da língua inglesa por aqueles que possuem o português como idioma materno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi observada a existência de interferência do português como língua materna no processo de aquisição e desempenho oral do inglês em brasileiros. Desse modo, há de se atentar para as diferenças estruturais entre a língua portuguesa e a língua inglesa, para que um falante do português possa superar possíveis dificuldades. Para isso, faz-se necessário o uso adequado de métodos de ensino, que não negligenciem a prática oral como habilidade a ser desenvolvida.

Nesse contexto, é importante evidenciar o papel do professor e sua capacidade de atentar para os aspectos específicos da língua inglesa que decorrem da influência da língua materna (LM), utilizando-se de um arcabouço teórico e prático para realizar comparações entre dois sistemas fonológicos distintos em sua prática pedagógica.

Constata-se, assim, a relevância das formas de como o professor irá conduzir sua dinâmica em sala de aula, os recursos que possui disponíveis, mas principalmente como se dará a interação, de modo que o aluno encontre espaço para aprimorar a escuta e se sinta estimulado a desenvolver sua prática oral.

Convém também destacar a importância da instrução explícita por parte do professor em relação aos erros cometidos pelos alunos no campo fonético-fonológico, construindo, desta maneira, uma consciência em relação às diferenças fonológicas entre a LM e a LE, no sentido de reconhecer e sanar as possíveis interferências da primeira sobre a segunda.

Todavia, cabe destacar que tal responsabilidade não pode recair apenas sobre o professor, visto que ele se encontra dentro de uma estrutura de ensino que muitas vezes exige apenas abordagens de gramática-tradução ou, em menor proporção, abordagens situacionais que engessam o profissional dentro de seus horizontes prático-didáticos.

É diante deste contexto que se conclui que compreender as diferenças fonético-fonológicas entre as línguas em destaque contribui para evidenciar os problemas no processo pedagógico-linguístico que impedem a aquisição efetiva da língua inglesa pelo falante do português brasileiro.

De igual forma, o presente estudo contribuiu também para atentar sobre a importância da oferta de diversos métodos pedagógicos para o professor como forma de proporcionar a abordagem mais adequada para cada caso.

Espera-se, portanto, que este estudo contribua de forma efetiva com as reflexões na área de linguística aplicada, bem como na continuidade de discussões e pesquisas na área acerca da temática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Maria. **Notas sobre a Sociologia do Poder: A Linguagem e o Sistema de Ensino.** Horizontes, Bragança Paulista, v. 20, p.15-30, 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ana_Almeida6/publication/255626567_Notas_sobre_a_sociologia_do_poder_a_linguagem_e_o_sistema_de_ensino/links/55e4676008ae6abe6e8ff1f5.pdf. Acesso em: 03 mai. 2019.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas.** Campinas: Pontes Editores, 2015. ISBN 978-85-7113-085-2.

ALVES, Anilda Costa; SILVA JÚNIOR, Leônidas José da. **A transferência fonológica no Ensino de inglês como LE.** Anais do II CONEDU – Congresso Nacional de Educação, Campina Grande, 2015.

_____. **A influência da língua materna na aquisição do inglês como LE.** Anais do IX Seminário Nacional Sobre Ensino de Língua Materna e Estrangeira e de Literatura. Universidade Federal de Campina Grande, 2015.

FRANCHI, Carlos. **Linguagem-atividade constitutiva.** Revista do GEL, p.37-74, 2002. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/download/280/185>. Acesso em: 08 mai. 2019.

HARMER, Jeremy. **How to teach English.** ELT journal, v. 62, n. 3, p.313-316, 2008.

LEFFA, Vilson. **Metodologia do ensino de línguas.** In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p.211-236.

LIMA, Luana Anastácia Santos de. **Consciência fonológica e processo de ensino-aprendizagem de LE.** IV CONEDU – Congresso Nacional de Educação, 2017.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Aulas de inglês: Do Planejamento à Avaliação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015. ISBN 978-85-7934-106-9.

SANTOS; Luan Roney Alves dos; SILVA JÚNIOR, Leônidas da. **Padrões entoacionais da aquisição do inglês como língua estrangeira e a influência do português do Brasil.** III CONEDU – Congresso Nacional de Educação, 2016.

SCRIVENER, Jim. **Learning teaching: The essential guide to English language teaching.** Oxford: Macmillan, 2011.

SWAN, Michael; SMITH, Bernard. **Learner English: A teacher's guide to interference and other problems.** 3. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ZIMMER, Márcia Cristina; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. **A Produção de aspectos fonético-fonológicos da segunda língua: instrução explícita e conexão.** Revista Linguagem & Ensino, v. 9, n. 2, p.101-143, 2012.